

# O Exercício da Brutalidade

**Professora Vera Malaguti Batista**

*Secretária-Geral do Instituto Carioca de Criminologia*

Acho que a grande novidade nesse seminário está na presença, na fala, no testemunho sofrido da categoria de trabalhadores mais sofrida nesses tempos no Brasil, a polícia. Gostaria de homenageá-los e homenagear Maria Lucia Karam, que é a grande organizadora do evento, um evento seminal em nosso Estado. Temos o privilégio de ver o Des. Sergio Verani dirigindo a Escola da Magistratura, e isso é um marco no Estado do Rio de Janeiro. Através do delegado Orlando Zaccone, homenageio os policiais de todas as categorias que pensam na questão criminal e que são os únicos que não podem se desligar da realidade, porque a realidade está ali a enfrentá-los. Os policiais não têm como deixar de dar conta da realidade, e gostaria de ressaltar sua coragem de trabalhar contra o proibicionismo no momento em que a escalada bélica no Rio de Janeiro atingiu níveis inimagináveis. E por último, homenagear nosso querido, essa figura sublime que é Eugenio Raúl Zaffaroni. Na América Latina, é ele o grande jurista bolivariano; no nosso continente, ele representa todas as nossas lutas.

Meu livro **Difíceis Ganhos Fáceis** permanece atual, apesar de escrito há vinte anos. Quando falamos no Brasil sobre a questão de drogas, não surge nenhuma novidade. Rosa Del Olmo, a grande teórica latino-americana que não renunciou jamais a um olhar latino-americano sobre a questão das drogas, dizia que, com relação a essa questão, existe uma quantidade enorme de informação, desinformação e contra-informação, que acaba produzindo uma saturação funcional à ocultação do problema. Com relação à questão do *crack*, esse fenômeno se reproduz, sem informação qualificada e ensejando políticas de recolhimento que constituem uma vergonha nacional.

A crise econômica dos anos sessenta e setenta, com ressonância naquelas décadas perdidas de oitenta e noventa, produziu o recrutamento dessa mão de obra para os “difíceis ganhos fáceis” do comércio varejista de drogas, capturando esses braços sobrantes no mercado internacional e produzindo aquilo que Nilo Batista denominou de “uma política criminal com derramamento de sangue”, que operou o deslocamento de

uma visão sanitária que regeu até 1964 para uma visão bélica que aporta ao Brasil no marco da ditadura civil-militar.

O paradigma bélico entra na política criminal de drogas, e Zaffaroni a ela se refere como o fenômeno da multiplicação dos verbos, cada ano um novo verbo típico vai sendo acrescentado (plantar, guardar, emprestar etc.). Este milagre da multiplicação de verbos vai produzindo uma expansão da punitividade de uma forma (como é da natureza seletiva do sistema penal) que acaba incidindo sobre os nossos velhos e eternos clientes do extermínio.

A droga se converte então no grande eixo moral, religioso, político e ético para reconstrução e atualização de nosso inimigo interno. No livro de Zaffaroni **O Inimigo no Direito Penal**, são mostradas as marcas dessa guerra no direito penal e no processo penal, essa reconstrução do inimigo interno que produziu uma inculcação da ideologia do extermínio e sua atualização depois da ditadura militar. Nós perdemos a mordida crítica da truculência do Estado que tínhamos na saída da ditadura, e hoje somos piores porque aplaudimos os massacres nas favelas: o torturador é um grande herói, a tortura virou um espetáculo. Tem uma reflexão do Darcy Ribeiro que diz o seguinte: “Nenhum povo que passasse por isso como sua rotina de vida através de séculos sairia dela sem ficar marcado indelévelmente. Todos nós brasileiros somos carne da carne daqueles pretos e índios supliciados” (**Aldeia Maracanã** é um espetáculo familiar pra nós). “Todos nós brasileiros somos por igual a mão possessa que os supliciou. Descendentes de escravos e senhores de escravos, seremos sempre servos da malignidade destilada e instalada em nós tanto pelo sentimento da dor intencionalmente produzida para doer mais, quanto pelo exercício da brutalidade sobre homens, sobre mulheres, sobre crianças convertidas em pastos de nossa fúria. A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista. Ela é quem incandesce, até hoje, em tanta autoridade brasileira predisposta a torturar, a viciar, a machucar os pobres que lhes caem às mãos.” Esse é um texto de Darcy de 1994, um pouco antes de ele morrer. Então, existe essa categoria do “matável” na realidade brasileira: a política criminal de drogas é só uma atualização plástica para o prosseguimento dessa eterna chacina, desse eterno genocídio. Rosa Del Olmo nos revela que quando a política americana, fundada por Richard Nixon, de guerra às drogas começou, ela produziu também

uma invasão e uma ocupação (já que ocupação é a palavra chave dos dias de hoje, a nossa cidade é toda ocupada, nós estamos ocupados), também de tratamentos e de informações. A política criminal de drogas no lado da saúde pública produziu uma ocupação, uma invasão de informação circulante, neutralizou nosso acesso aos meios de comunicação. Então, um dos aspectos da guerra contra as drogas é a maciça estratégia de informação circulante que faz com que nós aceitemos políticas truculentas, extermínios e internações compulsórias com uma certa naturalidade.

Então, nos anos sessenta e setenta, a pauta que entra no Brasil também em termos de saúde pública sobre questão das drogas não tem nada a ver com a realidade local, é uma pauta que conjuga sem nenhum estudo, sem nenhuma informação qualificada, tratamentos para o problema norte-americano. Nosso problema era outro: substâncias diferentes, faixas etárias diferentes, baseado na realidade da América Latina. Então, o primeiro ponto chave de nosso “combate contra a guerra às drogas” seria a produção de uma informação acurada. A Prefeitura do Rio de Janeiro, sem nenhuma informação qualificada sobre isso, desenvolve uma política de recolhimento compulsório que não tem nenhum lastro, a não ser o lastro histórico do nosso higienismo, da nossa apartação e da nossa truculência.

Então, produzir uma informação acurada pode trazer soluções locais e nos tirar dessa pauta imposta que também é uma pauta de tratamentos. Aqui no Brasil existe também a indústria de tratamentos religiosos que lucra com a internação compulsória e que tem uma ponta econômica muito forte e completamente aderida a saberes médicos policizados. Hoje em dia a assistência social é policizada. Não é à toa que os Conselhos Regionais de Psicologia e os Conselhos Regionais de Assistência Social estão se articulando contra as políticas de recolhimento compulsório, pois eles estão sendo convocados a trabalhar de uma forma policizada e truculenta. Em seu livro **A Palavra dos Mortos**, Zaffaroni afirma que toda vez que houve um genocídio na história do ocidente, primeiro existiu um discurso legitimador. Hoje é o *crack* o flagelo da humanidade, antes era a maconha, ontem a cola. Esses genocídios foram sempre feitos por forças policiais ou por forças armadas em funções policiais. Então, hoje nós estamos também policizando e militarizando a assistência social, a assistência médica e a psicologia. No Brasil, estamos com essa pauta atrasada com mais mortes e prisões. Quando a lei de drogas foi alterada

no primeiro mandato do Lula, afirmei em um debate que separar tráfico de consumo iria produzir mais encarceramento. O discurso da legalização, que libera os consumidores e aprofunda a criminalização do tráfico, da ponta mais pobre e por isso mais vulnerável aos efeitos do sistema penal e da guerra é sem dúvida um discurso classista. E hoje vemos que a nova lei produziu mais 40% de prisões relacionadas à droga. Maria Lucia Karam participou da redação de outra proposta de lei muito mais viável, mas que não passou pelo conservadorismo desinformado. O que assistimos é um acirramento desse aparente fracasso da política criminal de drogas. Foucault, em **Vigiar e Punir**, quando fala da prisão, diz que na história da humanidade a prisão sempre foi um fracasso. Tanto que o abolicionista Louk Hulsman dizia que a prisão sim é que era utópica, e não o abolicionismo, porque a prisão nunca cumpriu nenhuma das promessas que efetuara. O que Foucault dizia era que o aparente fracasso das prisões na verdade escondia seu objetivo implícito que era tratar diferencialmente as ilegalidades populares. E se a política criminal de drogas é um fracasso em relação à produção, um fracasso em relação à comercialização, um fracasso em relação ao consumo, ela produziu corrupção, violência, morte, extermínio, sendo assim um grande sucesso na gestão da pobreza e na atualização dessa truculência, dessa alma de torturador que nós carregamos história afora. Então, acho que esse seminário foi um corajoso passo à frente talvez no lugar mais estratégico: entre os agentes da lei. A polícia é o grande escoadouro de muitos problemas sociais pungentes.

É importante percebermos que os Estados Unidos estão legalizando inclusive o uso recreativo da maconha, o que sempre foi um tabu. Então, Rosa Del Olmo, que sempre olhou para a questão das drogas em uma perspectiva geopolítica latino-americana, nos faz refletir se vamos esperar primeiro o Império legalizar, dominar a hegemonia dos meios de produção, antes de nós. A “Golden”, uma potente maconha colombiana, foi exterminada da Colômbia, mas suas matrizes foram levadas para os Estados Unidos. Produzir uma política latino-americana sem essa dicotomia entre o usuário e o traficante, uma política criminal latino-americana soberana e libertária a partir das realidades locais seria uma política criminal a favor dos nossos povos. É impossível produzir um bom atendimento ao usuário problemático de substâncias ilícitas na guerra; a guerra só aumenta o sofrimento, a guerra produz um sofrimento a mais para aqueles que conhecem essa dor que é o uso problemático. Acabar com essa guerra é mais

um capítulo da luta dos seguidores, como eu, de Darcy Ribeiro, para tirar da nossa alma essa característica que está encravada em nós, torturados e torturadores.

**Delegado Orlando Zaconne:**

Obrigado Professora Vera Malagutti por essa excelente palestra. Quero dizer também que, mesmo com um show dos *Rolling Stones*, ainda mais com o “Mick Jagger” no palco, de todo modo, um show de abertura com a Rita Lee também arrebenta.

Vou dar a palavra agora ao Excelentíssimo Ministro da Suprema Corte da Argentina, nosso querido Professor Eugenio Raúl Zaffaroni. ❖